

AS SAUDADES DE PORTUGAL, CANTARES DO MARANHÃO

"Estas fogueiras de mim/ são cinzas do tempo morto/ entrelaçadas de espinhos"... assim se inicia o livro de poemas de José Sarney, "Maribondos de Fogo" a ser entregue ao público este mês e em janeiro em lançamentos sucessivos em São Paulo e Brasília.

José Sarney é nome nacional não somente na política, está inscrito também no mundo das letras. Apesar de moço (ainda não chegou aos cinquenta anos) é figura de renome desde os idos de cinquenta quando chegou à Câmara dos Deputados depois de ativa militância no jornalismo do Rio de Janeiro. Numa carreira sempre ascendente foi Governador de seu Estado, o Maranhão, a quem tanto canta e retrata nos seus versos e na sua prosa tersa. Depois a cadeira de Senador, agora reeleito para mais oito anos.

Aos 22 anos Sarney estreou nas letras publicando, em 1952, seu primeiro livro, "A Canção Inicial", uma coletânea de seus primeiros poemas, em edição do autor, em São Luís do Maranhão.

Tempos depois, em 1969, precisamente, quando exercia o Governo do Maranhão, editou, com amplo sucesso de crítica o volume de novelas, "Norte das Águas", um saboroso retrato do homem maranhense e da paisagem por ele dominada. Agora retorna à poesia com este "Os Maribondos de Fogo", uma canção de amor à terra maranhense.

O livro "Norte das Águas", de José Sarney, que me parece a revelação de um grande contista, de um grande ficcionista brasileiro - a frase é de Jorge Amado, quando da aparição deste livro ao ser perguntado qual fora o livro lido por ele mais recentemente e de que mais gostara.

Leo Gilson Ribeiro, nas páginas da revista "Veja", na mesma época, assim saudava o escritor e político maranhense: "Depois de ter provocado uma revolução na administração maranhense (os investimentos decuplicaram, o orçamento aumentou em 2.000%), Sarney se mostrou capaz, agora, de transformar a própria literatura regional brasileira, com seu primeiro e excelente livro de contos, "Norte das Águas".

Desfilaram, naquele ano, vários escritores e críticos dissecando o livro de

José Sarney, seus contos ricos de criaturas e de coisas só encontráveis no Maranhão ainda rescendendo, a passado, a feudalismo, homens e mulheres estacionados no tempo. O autor acentua bem este contraste ao situá-los bem junto à nossa era, usando jipe e auto-falante, mais ainda presos ao duro mundo do burro e do cavalo do facão e da espingarda, um belo traçado retrato do Maranhão em véspera de modificar-se pela mão de seu próprio retratista. O escritor chega ao quase etnográfico fixando este mundo em extinção e que isolado estivera das conquistas da civilização e de suas máquinas e técnicas até a abertura de estradas e o povoamento de seus sertões virgens.

João Mohana, falando sobre Sarney, o político e o escritor, dá um quadro exato desta fase da vida maranhense em modificação: "Tenho frequentemente pensado no privilégio da nova geração maranhense, na sorte da nossa juventude em crescer tendo diante dos olhos um exemplo de idealismo, mas não de idealismo romântico e platônico, e sim de um idealismo realista, apto a garantir rentabilidade às metas autênticas que elege. Esta é a imagem que José Sarney deixa para a nossa juventude. Imagem de como deve ser o maranhense de hoje e futuro..."

Mas hoje, aqui, queremos falar de uma nova história sarneyana, do livro "Os Maribondos de Fogo", nem igual nem diferente, fruto novo, da mesma árvore, com outro sumo.

O livro, antes de tudo é uma canção de amor à terra maranhense, aos seus encantos, sua exuberância, sua natureza molhada e florida, tons de verde em predominância.

A poesia de José Sarney está eivada de palavras maranhenses vocábulos que, nos parece, somente naquele chão soam com toda sua musicalidade. Alguns deles desentranho dos versos: itãs, Pericumã, pangola, guriatãs, andreguicé, panãs, "campos de Urucurana, adeus". Não se trata, ressalve-se em tempo, de mera exploração do regionalismo. Ela transcende à terra e ao homem nela nascidos. É uma poesia que se nutre das coisas próprias do chão do poeta: as aves aquáticas, as

CORREIO BRAZILIENSE

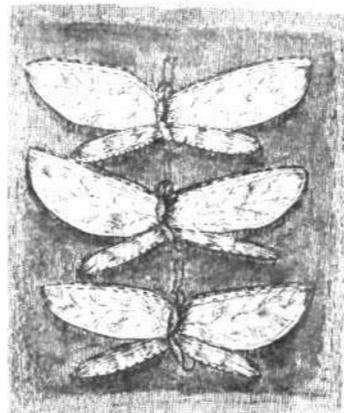
08 DEZ 1978



José Sarney

flores olorosas, os pachorrentos bois de bolandeira com nomes de bem querer. "Boi bim", "Serriema" pisando à roda o chão do engenho rescendendo à cana madura e seu açúcar chamando abelhas e maribondos. E, por entre aves, flores, animais, de grande e pequeno porte. José o "anti-santo" Sarney, nos entremostra ele mesmo, as figuras simples e grandes do seu mundo quando ele criança. Com lirismo impregnado do sal, do sol, dos aromas dos campos dos ramos e das casas ancestrais lembra os povoadores de São Luís, no perpassar dos séculos, subindo a Ladeira do Desterro: São Luís presente e viva em muitos versos, suas ruas típicas, suas igrejas, suas personagens históricas - Dona Ana Jansen entre elas -, seus fantasmas atormentados, franceses, holan-

José Sarney



Os Maribondos de Fogo

deses, portugueses. Por essas ruas, estas casas seculares, o donaire das damas a sofrer e amar nos velhos salões entaboados, um surpreendente e épico mundo revivido em versos claros e sonoros, de feição modernista com um ritmo interno raro na poesia contemporânea brasileira. Nesta poesia não se deixa, porém, de notar uma certa interferência (influência?) da poesia popular na forma de Sarney construir seus versos. A maior parte dos poemas são escritos em versos de sete sílabas (redondilha maior), com ritmo, e a musicalidade das modas de viola, tão caras aliás a Sarney, muito embora seus versos sejam de um poeta erudito que só escutou e apreendeu o modo popular e antigo de fazer versos.

Se não vejamos uma das estrofes do

poema "Os Maribondos de Fogo", o primeiro do livro:

"Sangue de telhas quebradas
restos de ossos banidos,
donzelas que violadas
pelo frio das madrugadas
morrem de noites molhadas
sem nunca serem tocadas
e deixam seios e mundos
à deriva das estrelas
que de não ser são brutais:
jacintos, rosas montanhas,
amor, quebrantos, maranhas".

Eu, com este modo desajeitado de apreciar a poesia de Sarney que não sou crítico, andei por estas "pedras e desnavios que choram na eternidade" e cheguei nas "Carrancas do Ribeirão" para me descender num narrar lírico prenhe de emoções, de toda uma parte da história do Maranhão com os portugueses em suas ânsias marinheiras ficando a cruz da conquista, "saudades de Portugal cantares do Maranhão". E digo mais das grandezas cantadas em poemas como "Romance do amor viúvo ou de Gabriel, o que perdeu a mulher na flor dos anos", ou ainda nos versos de "Amores de Sete Espadas", a questão e a resposta em forma poética: "que senhas trazem estes ventos de antigos amores mares?... (Dizei -me branca Rainha - que na sombra fostes minha.) / São sete espadas de dor, sete sonhos apagados/ sete rios que morrem -ram/, sete raios, sete campinas, sete cavalos perdidos, sete sombras, sete ventos/ sete cantos são ouvidos". E por aqui fico que mais não devo falar sobre este livro para que não lhes morra a curiosidade de lê-lo e emocionar-se subindo "a ladeira do Desterro como/ os holandeses, franceses e portugueses que nos amaram na aventura".

"Os Maribondos de Fogo" de José Sarney foi editado pela "Artenova" do Rio, um trabalho gráfico bem cuidado e com bonitas ilustrações saídas da pena do jovem desenhista maranhense Péricles Rocha, incluindo a capa.

José Helder de Souza

SINOS DE S. PANTALEÃO

DE S. Pantaleão a Praça
tinha a vida
do principio de tudo,
como os carrilhões
dobrando nos defuntos
e repicando nas aluias.

NA Rua da Madre Deus
não se ouviam sinos
nem torre, nem o sacristão
subindo as escadas
onde os anjos
comem as nuvens da noite,
e eu morava.

O tempo era cru como a carne
e havia em mim
a fome dessa
Praça de S. Pantaleão
e o comum da Rua
da Madre Deus

ESSE vazio permaneceu
com o meu desejo de ser marinheiro
montando as montanhas do mar,
uma mistura
de tudo que me faltava na boca
e dúvidas que me sobravam nas mãos

OS anos passearam comigo as marés
E o sempre sol, a chuva, o pequeno
pé de laranja
e os alecrins que dormiam
dentro dos meus olhos fechados,
fizeram me esquecer o mar,
o sino, as madrugadas e as missas.

EU voltei, onde havia começado:
era a Praça de S. Pantaleão eterna
e a Madre Deus que sangrava.